CINEMATOGRAFIA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA

Joyce Silva Pontes de Oliveira
Fábio de Sousa Dantas

Resumo: Este texto vai explanar as diversas contribuições que as obras cinematográficas podem propiciar para a educação, ferramenta essa que pode ser uma grande aliada dos docentes em sala de aula, visto que os filmes chamam a atenção dos aprendentes, diante da transtextualidade e uso de recursos estéticos que dialogam com outras expressões artísticas, além das refrações histórico-sociais possíveis. Nessa perspectiva, compartilhamos algumas experiências didáticas oriundas do projeto "Cine-CAVN: Recepção crítica da indústria cultural na formação da leitura, da escrita e no letramento midiático", realizado na UFPB / Campus III. Tal demanda institucional surge da necessidade formativa do sujeito crítico e atuante, utilizando como mediação o cinema, arte integrante da cultura da mídia, que auxilia os participantes na produção de textos, visto que a escrita ainda é um grande desafio para a maioria dos discentes. O objetivo das ações é analisar as obras fílmicas e potencializar nos participantes um olhar problematizador, por meio de textos escritos e/ou audiovisuais, trazendo como impacto social um cidadão emancipado (FREIRE, 1986). Assim como o mundo está em constante transformação, a escola também deve se adequar a algumas necessidades dos alunos, e trazer para a sala de aula ferramentas tecnológicas do seu cotidiano, propiciando, desta forma, novos olhares para os temas sensíveis e componentes curriculares (ocultos ou não), de forma a estimular a(s) habilidades(s) crítica(s) dos aprendentes.

Palavras-chave: Educação. Cinema. Leitura crítica. Gênero dissertativo-argumentativo.

Muito se discute sobre a educação e quais funções ela propicia para os educandos. Essa reflexão nos escancara uma educação voltada principalmente na direção do utilitarismo, ou seja, na preparação do jovem para o mercado de trabalho, ficando, muitas vezes, de lado a compreensão e o exercício do senso crítico. É nesse cenário que podemos visualizar a grande importância e necessidade de práticas pedagógicas que se utilizem de obras cinematográficas como objetos de estudo, análise, escrita e debate. O cinema é uma ferramenta muito eficaz de estudo, chamando a atenção de jovens e adultos, pois, se a obra decorrer bem trabalhada, ela sai da posição de "apenas entretenimento", tornando-se uma fonte rica de informação (BRANDÃO, 1981; CIAVATTA, 2005).

Freire (1988) salienta a importância de utilizarmos meios que os educandos conhecem, e não podemos deixar de frisar que os meios midiáticos estão fortemente presentes no cotidiano da sociedade. Nos dias atuais, o aparelho celular e outros objetos tecnológicos[1] são ferramentas que usamos frequentemente. O autor Gustavo Borba explica, em seu livro *Escola do Futuro* (2019), que os espaços escolares não podem ficar parados no tempo, visto que o mundo está em constante transformação, e que a realidade social, na amostragem de uma década, por exemplo, já exibe aprendentes com outros hábitos, orientações culturais, políticas etc.

Assim, é indiscutível que as obras fílmicas estão presentes na vida dos aprendentes. É notória a grande popularidade das pla-

taformas de *streaming*, como Netflix, Amazon, HBO e outras, que disponibilizam diversos filmes.

Compreendemos ser um grande desperdício não utilizar destas ferramentas em sala de aula. Num passado recente (ou em práticas passadistas realizadas ainda hoje), não era/é incomum um filme ser exposto em sala, nos espaços de "aulas vagas", sem qualquer planejamento estratégico que justifique a escolha ou a exploração dos recursos possíveis da obra em questão. A chave para que ocorra uma rica aprendizagem com a obra fílmica consiste na atuação do professor-mediador, como o sujeito que vai trabalhar o filme, não só a partir de suas informações técnicas periféricas, mas alinhando as suas potencialidades temáticas e estéticas, com relações contextuais que conectem seus alunos ao mundo, seja dentro de suas perspectivas locais, seja numa abrangência universal.

Quando trabalhamos com obras fílmicas, assim como estudamos para realizar uma contação de história, também temos que estudar o filme, e colocar em prática as estratégias de leitura, que são: conhecimento prévio (ativa os conhecimentos que os aprendentes já possuem em relação ao que está no texto); conexão (faz com que o leitor ative os conhecimentos prévios, fazendo conexões com o que está lendo); inferência (faz com que o leitor ative os conhecimentos prévios, fazendo conexões com o que está lendo); visualização (ao ler um texto deixamos nos envolver por sentimentos, sensações e imagens espontâneas, isso permite que as palavras se tornem imagens em nossa mente); perguntas ao texto (são os questionamentos do leitor que proporcionam seu entendimento acerca do texto); sumarização e síntese (compreensão das partes mais importantes do texto). A prática dessas estratégias culmina no estímulo do participante à criticidade, ou seja, ao olhar investigativo das mensagens "ocultas", exibidas nas cenas fílmicas, para que o docente realize perguntas e indague o leitor sobre o que estas nos revelam, de modo a desenvolver um olhar sensível, crítico e observador (XAVIER, 2005). A interação que o docente realiza entre a obra e o telespectador é o que proporciona

o interesse mais complexo de assistir ao filme, visto que o aprendente vai discuti-lo com seus colegas e professor.

É nesse contexto que apresentamos alguns resultados de uma experiência satisfatória de estímulo à leitura e à escrita, a partir de análises fílmicas. Através de um projeto de extensão[2], utilizamos obras cinematográficas como objetos de estudo, com o propósito de instigar dos sujeitos participantes o senso crítico e o olhar problematizador do tema exposto, contribuindo para a formação cidadã dos aprendentes. As ações do projeto priorizam uma metodologia participativa, ou seja, os sujeitos da pesquisa são considerados ativos, seres de conhecimento, visto que ocorre a interação entre filme e telespectadores, promovendo um vínculo mútuo, utilizando-se de seus conhecimentos acerca da obra fílmica trabalhada, para serem realizados debates sobre a temática, ocorrendo, assim, uma partilha de conhecimentos (STRECK, 2016).

O público alvo é composto por sujeitos que buscam exercitar o olhar crítico através de obras fílmicas, visto que estas nos conduzem a diversos intertextos, como características culturais, leituras políticas, diálogos com correntes filosóficas, sociológicas, religiosas, violações de direitos etc. Utilizando os fatos históricos como referencial explicativo, além da indicação de textos críticos/teóricos sobre elementos da cinematografia e das temáticas relevantes do filme em questão, solicita-se, após profícuo debate[3] sobre o filme, a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo, a fim de os envolvidos aperfeiçoarem a escrita acadêmica.

Utilizar obras fílmicas para além desse estímulo à interpretação, mas também para a escrita, é um grande "coringa", visto que jovens e adultos, em sua grande maioria, tem uma enorme dificuldade de colocar no papel seus pensamentos e reflexões. E, para realizar um texto dissertativo-argumentativo, se faz necessário defender seu ponto de vista, o que é importante para o exercício da criticidade. Os participantes recebem seus textos corrigidos, além de vídeos elaborados pela equipe explicando os pontos que podem ser melhorados.

Nesse sentido, diversas foram as obras cinematográficas trabalhadas, cada uma com suas especificidades e complexidades. Posto isso, um dos filmes indicados, *Negação* (Mick Jackson, EUA / Reino Unido da Grã-Bretanha / Irlanda do Norte, 2016), vai retratar o negacionismo e a relativização do massacre judeu pelo escritor David Irving (interpretado por Timothy Spall); *O Grande Circo Místico* (Cacá Diegues, Brasil / França / Portugal, 2018) vai explanar a cultura circense e seus desafios; em *A Caça (*Thomas Vinterberg, Dinamarca / Suécia, 2012), discute-se sobre a violação dos direitos humanos e a expressão "criança nunca mente"; e, por fim, destacamos os documentários *Sete anos em maio* (Affonso Uchoa, Argentina / Brasil, 2019) e *Pastor Cláudio* (Beth Formaggini, Brasil, 2017), propiciando uma discussão sobre a ditadura militar e suas consequências evidenciadas na contemporaneidade, principalmente com a população pobre e preta do país, o abuso de poder e a violência policial.

Entre as obras mencionadas, destaquemos os documentários *Sete anos em maio* e o *Pastor Cláudio*, que foram analisados conjuntamente em um de nossos debates.



Imagem 01: Cartaz da obra fílmica Sete anos em maio. Disponível em https://filmow.com/sete-anos-em-maio-t275526/ficha-tecnica/. Acesso em: 29 dez. 2022.

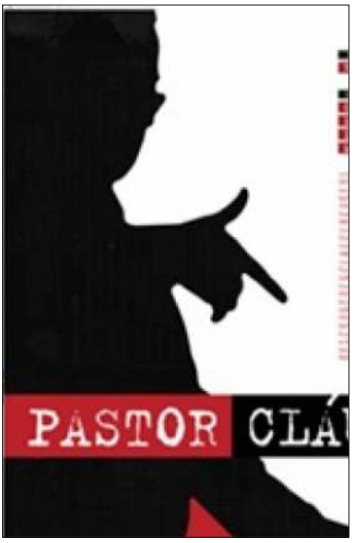

Imagem 2: Cartaz da obra fílmica Pastor Cláudio. Disponível em https://filmow.com/pastor-claudio-t240972/ficha-tecnica/. Acesso em 29/12/2022.

Sete anos em maio (Uchôa, 2019) conta a história de um rapaz chamado Rafael, que, quando voltava de seu trabalho, é levado por policiais para um terreno baldio, para ser brutalmente agredido. O filme registra a ocorrência das agressões gratuitas e abuso de poder, diante da população pobre e negra, num diálogo crítico com a atuação da polícia miliciana, como consequência histórica de uma "cultura" autoritária no Brasil. Nesse encontro, também trabalhamos a entrevista com o *Pastor Cláudio* (Formaggini, 2017), um delegado de polícia, recrutado pela ditadura militar, com a "missão"[4] de matar e ocultar corpos de pessoas que eram vistas como ameaças, isto é, "inimigas" do Estado.

Nessa entrevista, o pastor revela grandes atrocidades do período de ditadura militar no Brasil, e como as minorias eram violentadas, principalmente as pessoas que assumiam orientações políticas de esquerda (ou comunistas), ou integrantes de movimentos sociais e estudantis, representantes de grupos LGBTQIA+, negros etc. Um dos lemas "patrióticos" daquele período reproduzia a máxima de que 'todos os brasileiros eram iguais', visto que fossem como eles ordenassem; o racismo, historicamente visto como algo normalizado, assim como a violência policial com a

população "subversiva", era algo comum, visto que, neste período, eram vistos como "marginais".

De 1964 para os dias atuais, observamos que isso não se modificou muito. Atos racistas são diariamente noticiados e violências policiais são diárias nas periferias do país. A vida da população negra é retirada por qualquer motivo que a polícia achar "perigoso", seja um guarda-chuva que se parece com uma arma, uma carne furtada em um mercado, seja um carro que se parece com outro que estava em fuga. Então, 'tudo bem alvejar um carro com mais de 80 tiros e matar um homem negro que estava com sua família?' A indagação que fica é 'quanto vale a vida de um preto para você, Estado[5]?'

No final do documentário *Sete anos em maio*, o diretor faz a cena do jogo "morto e vivo", com várias pessoas negras, dando alusão à realidade que eles vivenciam diariamente, onde quem decide, se você fica vivo ou falece, são as forças policiais e a sua sede pelo controle e poder. Estas são responsáveis pela segurança do povo, mas, ao mesmo tempo, fazem o povo temer. O jovem Lucas, em um trecho do documentário, dialoga com seu colega, que também foi vítima da violência do Estado, e diz que o policial não se lembra de nenhuma característica dele, nem de seus olhos ou nariz; para aquele "homem da lei", eles eram apenas mais pessoas negras. Já os jovens vitimados, do contrário, recordam-se de cada traço do agressor, visto que essa barbárie mudou o curso de suas vidas.

Compreendemos que estas temáticas impactantes devem ser refletidas e trabalhadas com os nossos discentes. O racismo estrutural, infelizmente, é uma realidade em nosso mundo, e não podemos ser apáticos com essa situação. A mobilização, promovida por debates e ações pedagógicas assertivas, parte da necessidade de desnudar as tensões sociais, advindas de temas sensíveis, para que, assim, possamos ir à luta pelos direitos garantidos pela Constituição brasileira. Ao indicarmos os links de acesso às obras fílmicas, posteriormente, realizamos uma sala de debate, com o intuito de partilhar nossas reflexões e vivências, além de analisar-

mos alguns recursos/linguagens cinematográficos utilizados. Estes, sejam para a compreensão simbólica das cenas, sejam para a exploração de figurações estéticas que amplificam, iludem, eternizam, emocionam ou simplesmente comunicam, são diretamente relacionados às temáticas refratadas na contemporaneidade[6]. Sendo assim, este momento da ação pedagógica é primordial, porque percebemos olhares que antes os discentes não demonstravam sobre determinada cena, além de testemunharmos uma melhor organização das ideias (individuais e coletivas), para a realização da escrita textual, dos argumentos, em defesa de um ponto de vista.

Este foi um dos encontros, via *Google Meet*, visto que estávamos vivenciando, até o início do semestre de 2022, recomendações de distanciamento social, provenientes do estado pandêmico[7]. Nesse formato, conseguimos abranger mais pessoas de diferentes locais / estados, além de participantes de diferentes graus de escolaridade (estudantes do Ensino Médio, graduandos, mestrandos, doutorandos / doutores).

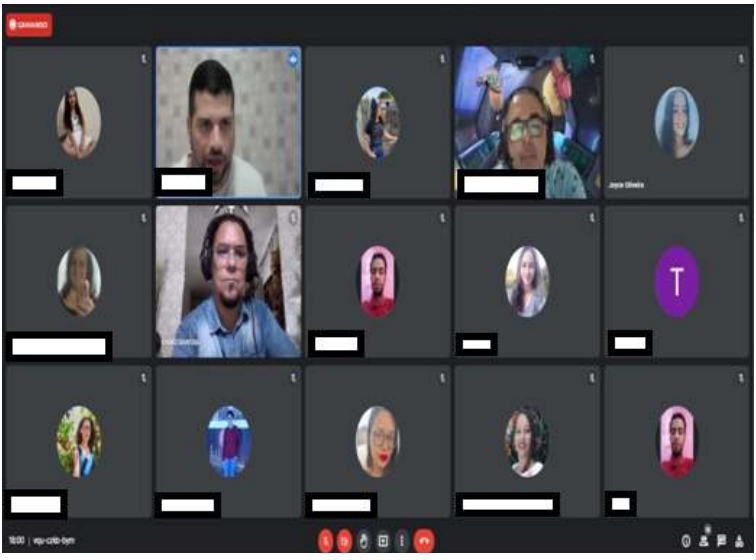

Imagem 3: *Print* da "Sala de debate[8]" sobre os documentários.

A imagem acima é nossa sala de debate. Convidávamos, em algumas destas ocasiões, pesquisadores na área temática em ques-

tão, a fim de enriquecer o debate[9]. E o que vem depois? A proposta do tema da redação! A proposta é escolhida, e, após a roda de debate, a equipe do projeto verifica quais os pontos foram mais discutidos, para assim elaborar o tema. Para esse encontro, o tema foi: "Violência e ditadura militar no Brasil". O participante tem até 30 linhas para discorrer sobre o tema.

Vejamos uma breve amostragem de textos produzidos:

TEXTO I

A desigualdade social é um dos principais causadores da alta violência que vemos em nosso país desde seus primórdios, um estudo feito pelo boletim de segurança publica da cidade de Ribeirão Preto-SP entre 2010 e 2019 aponta que cidades com maior desigualdade são também cidades mais violentas.

"Em 1964, ano do golpe militar, é perpetuado um modelo militarizado de policia, a até hoje atuante policia militar, que foi um dos principais órgãos de repressão do regime. O que não significa que essa foi a época de maior violência da PM, a cada ano vemos recordes serem batidos e o principal alvo da violência policial é a população pobre, preta e periférica, so em 2018 6.220 pessoas foram mortas pela policia civil e militar, media de 17 mortos por dia.

Fica claro que tantas mortes não acontecem só em confrontos com criminosos boa parte desses dados são de resistência a prisão seguida de morte, todas justificadas por auto de resistência (caso de exclusão de ilicitude previsto pelo código penal brasileiro).

Portanto é nítido que não há solução à policia militar, e que a mesma não tem nem nunca teve a função de garantir a segurança publica.

É necessário que haja a desmilitarização da policia. Porque como militar, o policial se vê como uma patente acima do civil, com direito de impor ordens por muitas vezes absurdas. Sem contar que o treinamento recebido nos quarteis tem um ensino quase que nulo sobre direitos humanos e que o policial ao sair para trabalhar na sociedade já é um individuo agressivo e adoecido mentalmente pelo treinamento recebido, afetando tanto no seu trabalho na rua como na sua vida pessoal."

TEXTO II

"O Período Compreendido entre os anos de 1964 a 1985, é conhecido como ditadura militar em nosso país. Que foi um regime autoritário, iniciado com A deposição do presidente da época que era João Gourlat. O regime militar durou Pouco mais de duas décadas, estabelecendo a censura à imprensa, restriçãoAos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime; deixando resquícios de violência em nossa história.

O atentado as ações democráticas por si só representam o quão violento foi este período em nosso país. A repressão dos movimentos contra o golpe militar foi intensa, nefasta e cruel. A tortura, os desaparecimentos de lideranças dos movimentos e mortes de muitos cidadãos, são marcas da triste brutalidade deste período. O tratamento desumano por meio de seções para se obter "informações" dos ditos "comunistas" feriram e ferem os direitos humanos.

Perseguindo desde de professores que simplesmente expressavam sua opinião, Até a classe artística que sofreu forte censura. As mulheres não ficaram isentas desta realidade, tivemos há alguns anos atrás o relato durante o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff relatando o quando sofreu nas mãos dos militares, por ser do movimento contra o golpe. Choques em seios, na vagina, prisões ilegais e mortes cruéis defasaram famílias que perderam entes para este movimento que deveríamos ter vergonha em nosso país. Hoje após o período da redemocratização em 1988 com a promulgação da Constituição Federal, podemos viver com nossa liberdade e nossos direitos.

Este período deve ser relembrado sempre como reflexão pelas escolas, Ensinando verdadeiramente o que foi a ditadura militar: um golpe militar, um movimento violento, cruel que usava de artifícios desumanos como a tortura e que causou diversos males em nossa sociedade. O legislativo deve criar leis para que se combatam a apologia ao golpe militar, se inspirando na Alemanha, que hoje tem lei que puna quem faz apologia ao nazismo."

Estas produções têm muito a melhorar, pois percebemos uma carência nas conclusões, mas, de uma forma geral, esses textos, de acordo com as competências exigidas no Enem, tiveram boas estruturas e razoáveis propostas de intervenção, e os participantes conseguiram analisar e interpretar a temática de forma problematizadora. É importante também salientar que o melhoramento da escrita depende do exercício constante da prática discente e das alternativas didáticas do docente, para que seu alunado tenha conhecimento dos critérios avaliativos, e, assim, atinja um domínio satisfatório da construção textual. Percebemos que, a cada encontro, os participantes desenvolveram uma escrita mais complexa, conseguindo defender melhor seu ponto de vista, e detalhando como amenizar ou resolver a questão-problema, que é relatada na conclusão.

Analisando todas as ações aqui explanadas, percebem-se resultados satisfatórios. Vale salientar, inclusive, que muitos alunos relatam, em primeiro contato, que visualizavam as obras cinematográficas apenas como fonte de entretenimento, porém, após as discussões, desenvolveram a sensibilidade de observar elementos estéticos nas cenas, que desencadeiam efeitos de sentido para a compreensão das temáticas abordadas nos filmes.

Através das redações, foi notada certa inquietação por parte dos discentes, que saiam do conhecimento superficial, instigados para uma pesquisa mais complexa. Nossas orientações, junto aos participantes envolvidos, priorizam uma escrita problematizadora, além da otimização das habilidades orais. Assim, reconhecemos o cinema também como um grande segmento midiático, para explanar diversas vivências e realidades do mundo, que pode funcionar como uma ferramenta de conscientização/emancipação prazerosa.

Nessa perspectiva, o que muito corroborou para essa inquietação dos participantes, para que estes se aprofundassem pelas temáticas trazidas nas obras fílmicas, foi a exibição crítica do contexto histórico e cinematográfico, descritos nas falas dos

coordenadores e de outros agentes do projeto. Estas ações resultaram no estímulo do ato da pesquisa como componente prioritário destes encontros. A Professora Marilena Chauí (1978) vai salientar a grande importância da contextualização histórica para a formação cidadã dos indivíduos, para entender as estruturas sociais que estão presentes na sociedade, principalmente no contexto das escolas técnicas, que, por muitos anos e até hoje, traz o estigma da não necessidade de uma educação conscientizadora.

Outro aspecto visto como consequência das ações desenvolvidas pelo projeto, como já mencionamos, na utilização de obras fílmicas para fins pedagógicos, é o desenvolvimento da oralidade dos integrantes das reuniões. A timidez é uma grande barreira, que nos impede de expor conhecimentos que gostaríamos de partilhar. Notou-se, no decorrer dos encontros, uma maior participação dos debates, da análise fílmica. A maioria dos participantes conseguiu ver-se como seres de saber, algo que, em muitas escolas, não é praticado. Freire (1988) discute sobre essa concepção, e denomina essa metodologia de ensino de "educação bancária", que considera o aluno como um ser sem conhecimento, uma "caixa vazia", que o professor tem que preencher com o que ele achar pertinente. Nesta limitada visão, as falas de discentes (quando se têm) são ignoradas. Nesse contexto, muitas das pessoas que não costumam se comunicar nos encontros são oriundas desse método tão presente no contexto educacional brasileiro. Em tal linha "pedagógica" obsoleta, um filme, quando indicado/assistido, se não é "lido" de forma superficial, é utilizado até como "tapa buraco", para os dias em que o professor falta, ocorrendo numa "ação" de sala de aula com total passividade de leitura.

Nesse contexto, percebe-se a grande relevância das ações realizadas nesse projeto, principalmente na condição atual da educação, em que se prioriza uma estrutura curricular voltada para o mercado de trabalho[10], deixando de lado a educação como ação emancipadora de sujeitos. E também atestamos ser um caminho pertinente utilizar ferramentas que estão presentes no dia a dia do aluno. Sabemos que é um grande desafio, na atualidade,

prender a atenção dos estudantes ao explicar um assunto, e essas ferramentas midiáticas podem promover experiências exitosas para os componentes curriculares. Executar práticas pedagógicas com o uso do cinema em sala de aula, assim, beneficia os alunos em diversos aspectos, corroborando com uma formação integral, o que contribui tanto no melhoramento da escrita e da oralidade, como no estímulo à pesquisa acadêmica.

Contudo, além dos fatores mencionados, priorizou-se o desenvolvimento humano, para que os sujeitos desenvolvam a capacidade de interpretar e questionar as mensagens explanadas nos textos/filmes, conseguindo conectar os eventuais discursos com as realidades diversas.

Freire (1998) fala da importância da emancipação dos sujeitos para o seu desenvolvimento pleno, de respeitar e valorizar os saberes dos aprendentes. E foi com esses ideais, da troca de conhecimento com todos que participaram desses encontros, que conseguimos verificar uma grande evolução na escrita, como também, na formação dos sujeitos como cidadãos.

Na condição de pesquisadores / extensionistas, compreendemos que ações pedagógicas desta natureza trazem-nos experiências incríveis, das quais nos conscientizam de que uma prática educacional mais humanizadora é o caminho para a formação da cidadania. A educação está presente em todos os locais que frequentamos, por isso, aliada aos conhecimentos de uma educação não formal, precisa estabelecer uma visão social sensível, principalmente para aqueles menos desfavorecidos. O acesso ao cinema, assim como a outras formas de expressão artística (literatura, música, pintura, grafitagem, dança, teatro...) atende e instiga um vasto público para a construção de uma educação sólida, e, por conseguinte, de uma sociedade crítica/reflexiva. As obras cinematográficas são grandes aliadas pedagógicas para a educação, e, se forem trabalhadas com o objetivo de emancipação de sujeitos, podem transformar realidades, dada a plurissignificação que podem refratar nos temas mais diversos possíveis.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues**.** *O que é educação.* São Paulo: Brasiliense, 2007. (Primeiros passos, 20).

CIAVATTA, Maria (Org.). *Ensino médio integrad*o: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005; pp. 83-105.

CHAUÍ, M. de S. (1978). A reforma do ensino. *Discurso*, (8), 148-159. https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.1978.378 40.

CHAUÍ, Marilena de Souza. "A reforma do ensino". *Revista Discurso.* Nº 8. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, 1978. P. 148-159. Texto disponível em http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37840. Acesso em 20/12/2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEANDRO, Anita; ARAÚJO, Mateus. "Torturadores e torturados: a violência de Estado em dois filmes brasileiros recentes." *In*: **Revista Doc on-line**, n. 28, setembro de 2020, www.doc.ubi.pt. P. 40-63. Disponível em https://repositorio.usp.br/item/003017474. Acesso em 29/12/2022.

MEDVIÉDEV, Pável Nicoláievitch. *O método formal nos estudos literários;* uma contribuição à história do método formal. São Paulo: Contexto, 2012.

STRECK, Danilo Romeu. *Metodologias participativas de pesquisa e educação popular:* reflexões sobre critérios de qualidade. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0443. Acesso em: 31 dez. 2022.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico:* a opacidade e a transparência**.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.